



Universidades Lusíada

Lisboa, Ângela, 1954-

Trajectória escolar dos jovens internados em centros educativos

<http://hdl.handle.net/11067/4777>

<https://doi.org/10.34628/zez7-nc72>

Metadados

Data de Publicação	2010
Resumo	Este artigo é uma adaptação de um capítulo retirado da minha Dissertação de Doutoramento em Sociologia. O referido artigo tem por objectivo aprofundar o conhecimento sociológico relativo à problemática da delinquência juvenil e muito em particular a trajectória escolar dos jovens internados nos Centros Educativos de Vila Fernando e Padre António de Oliveira....
Palavras Chave	Delinquentes juvenis - Educação - Portugal, Delinquentes juvenis - Assistência em instituições - Portugal
Tipo	article
Revisão de Pares	Não
Coleções	[ULL-FCHS] LPIS, n. 03 (2010)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-11-14T19:25:33Z com informação proveniente do Repositório

TRAJECTÓRIA ESCOLAR DOS JOVENS INTERNADOS EM CENTROS EDUCATIVOS

Ângela Lisboa

*Professora auxiliar da Universidade Lusíada de Lisboa
13000964@edu.ulusiada.pt*

Resumo: Este artigo é uma adaptação de um capítulo retirado da minha Dissertação de Doutoramento em Sociologia. O referido artigo tem por objectivo aprofundar o conhecimento sociológico relativo à problemática da delinquência juvenil e muito em particular a trajetória escolar dos jovens internados nos Centros Educativos de Vila Fernando e Padre António de Oliveira.

Palavras chave: sistema de ensino, inadaptação, abandono escolar, comportamentos desviantes.

Abstract: This article is adapted from a chapter taken from my PhD dissertation in Sociology. It aims to deepen the knowledge on the sociological problem of juvenile delinquency and most particularly the trajectory of school youths interned at the “Centros Educativos de Vila Fernando” and “Padre António de Oliveira”.

Keywords: educational system, inadequacy, leaving school, deviant behaviour.

Introdução

Em Portugal, a Sociologia pouco se tem debruçado sobre os comportamentos desviantes dos jovens, nomeadamente os que se enquadram no que designamos por “*grande criminalidade*”. Conscientes de tal lacuna, em Tese de Dissertação de Doutoramento em Sociologia, procurámos aprofundar o conhecimento sociológico relativo à problemática da delinquência juvenil.

Neste artigo queremos mostrar que em Portugal, à semelhança do que se passa um pouco por todo o lado, a escola penaliza sobretudo as crianças oriundas dos grupos sociais mais desfavorecidos e menos familiarizados com a cultura escolar, caso dos jovens internados no Centro Educativo de Vila Fernando (C.E.V.F.) e no Centro Educativo Padre António de Oliveira (C.E.P.A.O.).

Sabíamos de antemão, dado o seu baixo nível de escolaridade, que estes jovens pouco apreço tinham pela escola. No entanto, procurámos analisar o tipo de relação/relacionamento que os jovens mantinham com o sistema de ensino, na tentativa de compreender o seu desinteresse e fracasso escolar.

1. Os jovens delinquentes e a escola

1.1. Reprovações, absentismo e estratégias de ocultação

A escola democratizou-se, tendo por isso alargado a sua base social de recrutamento a todas as crianças e jovens, independentemente da sua classe social de origem. Todavia, esta igualdade de acesso não significa, necessariamente, igualdade de sucesso. Na realidade, muitas das crianças oriundas das classes desfavorecidas revelam bastantes dificuldades de aprendizagem, o que explica a vaga gigantesca de casos de insucesso escolar que se abate, preferencialmente, sobre esta população estudantil. Na nossa pesquisa, constatámos ser também esta a realidade vivida pelos jovens internados nos C.E.V.F. e C.E.P.A.O.

Se bem que não tenhamos nenhuma informação relativa ao número de reprovações, sabemos que 74% dos inquiridos (Quadro n.º 1) revelaram que o seu comportamento as tinha potenciado.

Quadro n.º 1
Se comportamento na escola fez reprovar muitas vezes

		Nº	% Total	% Válida	% acum.
Valid	Sim	37	74,0	75,5	75,5
	Não	12	24,0	24,5	100,0
	Total	49	98,0	100,0	
Missing	System	1	2,0		
Total		50	100,0		

Dos onze jovens entrevistados, apenas três nunca reprovaram, o que não impediu a sua saída precoce do sistema de ensino (dois jovens no 5.º ano e um no 8.º ano). Os restantes jovens reprovaram, em média, duas vezes, tendo esta situação ocorrido, sobretudo no 4.º e 5.º ano de escolaridade.

Antes de abandonarem, definitivamente, a escola, os jovens internados no C.E.V.F. e C.E.P.A.O. eram muito pouco assíduos às aulas, o que poderá explicar os seus fracos resultados escolares.

Da análise, do Quadro n.º 2, constata-se que apenas, 6% dos inquiridos não faltava regularmente à escola, o que demonstra o desinteresse destes jovens face ao sistema de ensino.

Quadro n.º 2
Comportamento na escola - faltar muito

		Nº	% Total	% Válida	% Acum.
Valid	Absentistas	47	94,0	100,0	100,0
Missing	System	3	6,0		
Total		50	100,0		

Ainda que estes jovens tivessem um índice muito elevado de absentismo, isto não significava que estivessem afastados da escola. Frequentavam-na, até por imperativos familiares, mas uma vez dentro do portão, preferiam ocupar o tempo em actividades, no seu entender, mais gratificantes. Os excertos de algumas entrevistas mostram-nos que, para estes jovens, a escola não representava um espaço de aprendizagem, mas de diversão.

“Eu, também, faltava muitas vezes. Entrava dentro da escola, mas não ia às aulas. Ficava com os meus colegas, a fumar”. (E9, 16 anos, 5.º ano, C.E.P.A.O.)

Quando não ia às aulas, ficava a ver umas miúdas. Ia lá fora, fumar umas ganzas.” (E3, 16 anos, 4.ª classe, C.E.V.F.)

Frequentar as aulas e aprender, não era uma meta a ser alcançada pelos jovens internados nestes dois Centros Educativos. Contudo, a escola não deixava de ter os seus *“atractivos”*, categoria escolhida depois de procedermos à análise das nossas entrevistas (Quadro n.º 3).

Quadro n.º 3
Categorização Semântica

Categorias	Componentes	Exemplos
Atractivos da escola	Raparigas	Ai as raparigas. É só disso que me lembro.
	Namoradas	A 1ª namorada que tive, foi na escola.
	Amizades/Convívio	Só amizades. Convívio c/colegas.
	Actividades desportivas	Chegava à hora de entrada. Jogava à bola.

Apesar de revelarem um comportamento escolar inadequado, alguns destes jovens desenvolveram, muito precocemente, estratégias de ocultação, de modo a não só evitarem as represálias da família, mas também a prosseguirem um caminho que sabiam reprovável, mas que lhes parecia apetecível.

“Na primária, ia de manhãzinha. E quando me levantava, saía de casa de manhãzinha. Só saía de casa. Não ia à escola. Se ficasse em casa, ficavam a pensar que eu não ia à escola” (E3, 16 anos, 4.ª classe, C.E.V.F.)

“Eles (avós) chegavam e punham-me à porta da escola e às vezes, punham-me dentro da aula. Mas, eu pedia pra ir à casa de banho e ia-me embora, não é? Isso era normal” (E8, 18 anos, 4.º ano, C.E.P.A.O.)

Tendo em conta tudo o que foi dito, fácil é compreender que apesar do ideário democrático que lhe está subjacente, a escola continua a auto-excluir os alunos oriundos dos estratos mais desfavorecidos da população, caso dos jovens internados nos C.E.V.F. e C.E.P.A.O.

Portanto, e uma vez que estes jovens pouco apreço tinham pelo sistema de ensino, era de prever que não se empenhassem afincadamente nas práticas escolares e tendessem a abandonar a escola.

Também neste caso se pode fazer referência à literatura quando se afirma que as escolas podem contribuir para os comportamentos desviantes dos jovens. Supomos que, muitas vezes, os jovens se esforçam para atingir determinadas metas (inserção escolar, frequências normais, etc.). Mas é um facto que, perante situações de fracasso acumulado, estes jovens desenvolvem uma atitude negativa face à escola e reagem violentamente às suas exigências, acabando por assumi-las como não sendo as suas. Esta sua atitude de distanciamento em relação à escola e à conformidade que lhe está subjacente, contribui para desenvolver um tipo de alienação elevado, tão propício à prática de actos delinquentes.

1.2. Inadaptação, fuga e abandono escolar

Sabemos que o desempenho escolar, a imagem de si enquanto estudante, as aspirações escolares e profissionais, a atitude geral face à escola, a relação com os docentes, a reacção dos professores à conduta dos alunos e o apoio da família são factores que podem potenciar a inadaptação dos alunos à escola. Destes factores, será uma auto-imagem negativa da criança enquanto estudante a que mais propicia a inadaptação, porque é a que mais influencia o seu nível de aspirações e os seus desempenhos.

Conhecendo o percurso e os resultados escolares dos jovens internados nos C.E.V.F. e C.E.P.A.O., ter-se-ia a ideia de que estes rapazes reflectem a má imagem que fazem da escola e que também eles se julgam pouco dotados intelectualmente. Os resultados que apresentamos de seguida, contrariam, por certo, essa teoria.

Todas as razões apontadas para o seu abandono escolar, estão relacionadas mais com a percepção que os jovens têm da escola do que com a percepção que têm de si próprios enquanto alunos. É curioso observar as respostas dadas à pergunta “que tipo de aluno era” (Quadro n.º 4).

Quadro n.º 4
Cruzamento: Escolaridade * Tipo de aluno

			Tipo de aluno			
			Bom aluno	Mau aluno	Inteligente mas cábula	Desmotivado
Escolaridade	Analfabeto	Nº	1	1	1	3
		% Total	16,7%	33,3%	3,1%	33,3%
	1º ciclo	Nº	4	2	11	1
		% Total	66,7%	66,7%	34,4%	11,1%
	2º ciclo	Nº	1	0	20	5
		% Total	16,7%	0,0%	62,5%	55,6%
Total		Nº	6	3	32	9
		% Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Colocados perante quatro “tipos de alunos” com os quais poderiam identificar-se: bom aluno, mau aluno, inteligente mas cábula e aluno desmotivado, é curioso observar que o “tipo” que obteve maior número de escolhas foi o “inteligente mas cábula”, com o qual 64% dos jovens inquiridos se identificou, tendo 36% optado por outro “tipo”.

O segundo “tipo de aluno” que obteve, também, um número significativo de respostas foi o “desmotivado” (18%). Apenas 12% dos jovens se consideraram “bons alunos”, sendo 6%, o número daqueles que se classificam como “mau aluno” (ou seja, apenas 3 jovens).

Com esta apreciação pessoal sobre a percepção que têm da sua qualidade enquanto alunos, podemos inferir que estamos perante jovens que até se consideram “inteligentes”, embora pouco aplicados. Na sua óptica, se se tivessem esforçado mais, estes jovens conseguiriam ser tão bons alunos como os outros.

Esta auto-estima, forma valorizada sobre si próprio, vai de encontro à razão apontada por alguns teóricos de que serão mais as circunstâncias do meio que levarão os alunos à desmotivação e ao desinteresse, e não tanto as suas características pessoais.

Ainda em relação ao quadro anterior, refira-se que, do total dos inquiridos que afirmaram ser “inteligentes mas cábulas” (32 jovens), 97% dos jovens terminaram o 1.º ou o 2.º Ciclo do Ensino Básico, proporção que não se verifica nos desmotivados nem nos outros dois tipos de aluno.

Mas apesar de se considerarem “inteligentes mas cábulas”, razão talvez porque a maioria dos jovens respondeu que ia à escola mais para conviver do que por outra razão, o facto é que o abandono precoce do sistema de ensino foi uma constante na vida destes rapazes. Também as seguintes citações vão ao encontro dos resultados apresentados anteriormente. Com efeito, estes excertos corroboram a ideia de que os jovens são “inteligentes, mas cábulas” e que poderiam ter alcançado bons resultados escolares se assim o desejassem. A boa opinião que têm de si é alimentada pela atitude positiva que os professores demonstram em seu favor.

“Eu sou esperto. Os próprios s’tores dizem que eu não vou mais longe, porque eu não quero estudar. Eu tenho boa memória. Rapidamente, faço exames e se for preciso, em meio ano, já tenho um ano feito”. (E8, 18 anos, 4.º ano, C.E.P.A.O.)

Contudo, não basta ter uma imagem positiva de si, porque se assim fosse, era previsível que estes dois jovens fossem bons alunos. Portanto, para aumentar as probabilidades de ser bem sucedido na escola, é ainda necessário ter bons desempenhos e gostar dos professores.

No nosso trabalho, verificámos que, em geral, os jovens entrevistados manifestam uma relação negativa com a escola, o que pode justificar o seu desinteresse, fuga e abandono precoce do sistema de ensino.

Com base, nas nossas entrevistas, construímos a categoria “sentimentos negativos face à escola” (Quadro n.º 5). As componentes constitutivas dessa categoria, “não gostar da escola”, “não gostar dos professores”, “aborrecimento” é “falta

de utilidade”, ajudar-nos-ão a melhor compreender o estado de espírito dos jovens internados nos C.E.V.F. e C.E.P.A.O. em relação à escola.

Quadro n.º 5
Categorização Semântica

Categorias	Componentes	Exemplos
Sentimentos negativos face à escola	Não gostar da escola	Eu fazia porcaria, porque não gostava da escola.
	Não gostar dos professores	O que gostava menos na escola eram os professores.
	Aborrecimento	Não gostava da escola. Aborrecia-me.
	Falta de utilidade	Não gostava de ir às aulas, porque pensava que isso não ia trazer nada para o meu futuro.

Alguns dos jovens entrevistados dizem aborrecer-se nas aulas, não encontrarem na escola um sentido para a vida, não gostarem dos professores, nem da escola, o que justificaria o seu comportamento disruptivo. Mas o “*desamor*” pela escola é generalizado. Com efeito, 60% dos jovens internados nestes dois Centros confessaram não gostar da escola (Quadro n.º 6), o que nos leva a pensar que também eles se comportavam de um modo pouco adequado.

Quadro n.º 6
Gostar da escola

	Nº	% Total	% Válida	% acum.
Valid Sim	20	40,0	40,0	40,0
Não	30	60,0	60,0	100,0
Total	50	100,0	100,0	

No inquérito que elaborámos, foram colocadas várias hipóteses para explicar o desinteresse sentido pelos jovens em relação à escola. O Quadro n.º 7 revela que a maioria dos jovens (44%) rejeita as matérias que lhes são ensinadas, o que justificará o seu aborrecimento pelas aulas.

Quadro n.º 7
O que desagrada na escola - matérias

	Nº	% Total	% Válida	% acum.
Valid Matérias não interessavam	22	44,0	100,0	100,0
Missing System	28	56,0		
Total	50	100,0		

Tendo em conta a trajectória escolar destes jovens (caracterizada por um forte absentismo, desinteresse pelas matérias, repetências sucessivas), tudo nos leva a pensar nos sentimentos de humilhação, angústia e culpa que devem ter experimentado, ao verificarem que os seus desempenhos não lhes permitiram igualar-se aos seus colegas, oriundos, maioritariamente, de classes mais favorecidas.

Basta lembrarmo-nos que apesar da sua aparente indiferença, os jovens não deixaram de assinalar que “*passar de ano*” foi a melhor recordação que guardavam da escola, enquanto que os “*chumbos*”, “*as suspensões*”, e as “*expulsões*” são consideradas como as suas piores experiências académicas.

Não encontrando sentido na escola, era de prever que os jovens internados nos C.E.V.F. e C.E.P.A.O. não investissem na sua formação académica, optando, antes, pela fuga e abandono precoce do sistema de ensino.

Das várias hipóteses que lhes foram colocadas para explicar o abandono da escola, os jovens privilegiaram a “*vida de rua*” porque seria esta a mais isenta de restrições e a que melhor lhes permite fazer imperar a sua lei. Com efeito, para estes indivíduos, a rua é um lugar de lazer e de aprendizagem da vida, um espaço tão diferente daqueles que são frequentados pelas crianças e jovens oriundos de meios sociais mais favorecidos. Ou como sublinham Pedrazzini e Sanchez (1997), as crianças das classes populares são confrontadas desde cedo com o facto de a sua sobrevivência não passar pelo sistema de ensino, mas pela sabedoria adquirida na rua.

As entrevistas foram uma mais valia e permitiram-nos definir a categoria “*abandono da escola*” (Quadro n.º 8), constituída pelas componentes - reprovações, influência dos amigos e “*outros interesses*”, sendo estes, *não mais* que a tendência para a prática de actos delinquentes.

Quadro n.º 8
Categorização Semântica

Categoria	Componentes	Exemplos
Abandono da escola	Reprovações	Não passava de ano, por isso deixei de ir à escola
	Outros interesses	Deixei a escola pra roubar.
	Influência dos amigos	Os colegas podem ter tido influência para eu ter saído da escola

Estes dados vão no sentido daqueles que dizem que o abandono precoce da escola é feito por indivíduos que apresentam um atraso importante, em virtude de um percurso escolar caracterizado por repetências sucessivas, ausência de ambições e desinteresse pela escola e pelo que aí se ensina. Reveladoras, são as palavras de alguns entrevistados.

“Eu não gostava de ir às aulas, porque pensava que isso não ia trazer nada pró meu futuro. Pensava que as aulas eram uma brincadeira” (E8, 18 anos, 4.ª classe, C.E.P.A.O.)

“Hum...muitas vezes, ia pra escola sem mala. Guardava a mala no contentor. Outras vezes, levava a mala...guardava a mala no armário (...) punha-me a jogar à bola no campo...a correr... a fugir aos contínuos. Fugia pra cima do telhado (...) outras vezes, saía da escola.” (idem)

Neste caso, e uma vez que se verifica a existência de um forte hiato entre aspirações e expectativas escolares, uma deficiente conformidade às regras institucionais e um nível de alienação elevado, não nos surpreende que estes jovens possuam “*outros interesses*” que nós categorizámos como “*actividades extra-curriculares*” (Quadro n.º 9), onde se incluem as componentes - fumar umas ganzas, dar uns giros, apanhar fruta, e roubar.

Será interessante verificar, que estes jovens privilegiam um certo tipo de actividades lúdicas (fumar umas ganzas, roubar) tão diferentes e muito mais aliciantes que as actividades desenvolvidas dentro da sala de aula.

Quadro n.º 9
Categorização Semântica

Categoria	Componentes	Exemplos
“Actividades” extra escolares	Fumar umas ganzas	Ia lá para fora, fumar umas ganzas
	Dar uns giros	Saía mais cedo, ... dava uns giros. Depois, ia pró Colégio
	Apanhar fruta	Outras vezes, saía da escola, ia apanhar fruta das árvores
	Roubar	Ia roubar. Eu roubava sozinho, com os meus colegas, conforme o ritmo das aulas.

Estamos em crer, que no essencial, os actos delinquentes praticados dentro da escola e extra muros, serão a resposta mais adequada à inadaptação e exclusão vivida por este tipo de jovens no interior da instituição. Na verdade e como tão bem assinala Chamboredon (1971), a escola e as situações de fracasso (repetências, faltas disciplinares, expulsões, etc) que os jovens das classes mais desfavorecidas aí experimentam, potencia a emergência de comportamentos desviantes

Conclusão

Verificámos, através dos resultados da nossa pesquisa, que os jovens internados nos C.E.V.F. e C.E.P.A.O. possuíam níveis de escolaridade muito baixos ou nulos. Constatámos que nenhum tinha concluído a escolaridade obrigatória consignada por lei há mais de vinte anos.

Estes resultados permitiram-nos concluir que, em Portugal, o sistema de ensino não tem conseguido desenvolver estratégias tendentes a permitir que as crianças e jovens oriundos das classes populares atinjam níveis de escolaridade mais elevados. E mesmo ao ter presente os baixos níveis de escolaridade da população internada em Centros Educativos, a lei tutelar educativa promulgada

em 14 de Setembro de 1999 também não conseguiu inverter esta tendência.

Ainda que alguns jovens afirmem ter interesse pela aprendizagem, a verdade é que os resultados da nossa pesquisa mostram que a maioria não gosta da escola.

As matérias leccionadas e o cumprimento de regras são os factores que mais contribuem para explicar o desinteresse dos nossos jovens pela escola, assim como o seu absentismo e comportamento disruptivo dentro da sala de aula e no recinto exterior. Em contrapartida e mesmo que faltem às aulas, estes jovens continuam a frequentar a escola, já que não dispensam o convívio com os amigos, o maior atractivo que encontram no actual sistema de ensino.

A postura destes jovens em relação à escola revela o profundo fracasso da instituição enquanto instrumento de aprendizagem. Desinteressados de um sistema de ensino alicerçado num modelo educativo norteado por normas e valores que lhes são totalmente alheios, os nossos jovens preferem a “outra” escola, aquela que lhes permite a diversão e o convívio com os amigos.

No entanto, estamos em crer que a escola é talvez o único local de acolhimento para estes jovens e pesem embora os constrangimentos (reprovações, castigos, recriminações), é também um espaço gratificante, onde podem encontrar amigos, vencer medos, desafiar o desconhecido, partilhar experiências e afectos.

Bibliografia

- BENAVENTE Ana**, *Do Outro Lado da Escola*, Lisboa, IED, 1987.
- BENAVENTE Ana**, Da construção do Sucesso Escolar – Equacionar a Questão e Debater Estratégias, *Seara Nova*, n.º 18, pp. 23-27, 1988.
- BENAVENTE, A., et al.**, *Renunciar à Escola – o Abandono Escolar no Ensino Básico*, Lisboa, Fim de Século, 1994
- BOURDIEU, Pierre e Passeron, Jean, C.** *La Reproduction: Éléments pour une Théorie du Système d'Enseignement*, Paris, Ed. Minuit, 1970.
- CHAMBOREDON, Jean, C.**, La Délinquance Juvénile, Essai de Construction d'Object, *Revue Française de Sociologie*, vol. XII, pp. 335-377, 1971.
- LABERGE-ATLMEJD, D.**, *Engagement et Inadaptation Scolaires: Prélude à la Délinquance*, Montréal, 1976.
- MALEWSKA, Hanna, PEYRE, V.**, (1973), *Délinquance Juvénile, École et Société*, Vuacresson, Centre de Formation et de Recherche de l'Éducation Surveillée.
- PEDRAZZINI, Yves e SÁNCHEZ, Magaly.**, *Malandros: Bandes, Gangs et Enfants de la Rue, Culture d'Urgence à Caracas*, Desclee de Brouwer, 1997.